



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Rural Notícias

Data: 25/08/2011

Link: <http://www.ruralnoticias.com/>

Caderno / Página: - / -

Assunto: Bacteriose do Maracujá

BACTERIOSE DO MARACUJÁ

*Um pequeno pedaço da folha do maracujá, fruto refrescante e saboroso do qual derivam produtos comestíveis e cosméticos, é suficiente para se proceder ao diagnóstico precoce da presença da bactéria *Xanthomonas axonopodis* pv. *passiflorae*, responsável por uma doença que ataca os maracujazeiros e traz prejuízos aos produtores.*

A pesquisa foi realizada na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (USP/ESALQ) pela Bióloga e doutoranda Carla de Freitas Munhoz, no Programa de Pós-Graduação (PPG) em Genética e Melhoramento de Plantas. Foi avaliada a diversidade genética de isolados da bactéria patogênica do maracujazeiro e desenvolveu-se um protocolo para a identificação e o diagnóstico desse patógeno.

O Brasil é o maior produtor e consumidor mundial do fruto, porém a cultura tem registrado significativas perdas pela bacteriose, doença de difícil controle e de ocorrência generalizada. “O patógeno causa a mancha oleosa ou bacteriose do maracujazeiro, doença que além de acarretar a baixa produção de frutos, pode causar a morte das plantas”, revela a pesquisadora.

Assim, a pesquisa orientada por Maria Lúcia Carneiro Vieira, do Departamento de Genética (LGN), teve esforços concentrados para o desenvolvimento de um kit de diagnóstico que indica a presença da bactéria ainda em estágio inicial da doença e pode evitar a disseminação do patógeno e o avanço dos sintomas. A diversidade genética de uma coleção de 87 isolados bacterianos, coletados em 22 cidades de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Distrito Federal, foi analisada utilizando-se perfis moleculares gerados pela técnica denominada AFLP. Nove isolados que atacam outras lavouras (uva, alho, mandioca e feijão, por exemplo) foram incluídos nas análises genéticas, mostrando perfis moleculares distintos do patovar *passiflorae*. Nos pomares de Bauru, Lençóis Paulista, Piratininga, Avaí, Fernão e Limeira, as plantas estavam doentes, possibilitando a coleta do patógeno. Nos pomares de Lins, Guaimbê, Analândia e Corumbataí não havia incidência da doença. No Vale do Ribeira, percebeu-se que lá não havia incidência da doença, o que pode ser explicado pelo clima da região que, apesar de úmido, não apresenta temperaturas muito elevadas, favoráveis ao patógeno.

Mais Informações: alicia@esalq.usp.br